

LEITURA DE IMAGEM, EM ARTES VISUAIS, NA ESCOLA: O OLHAR E O VER DO ALUNO DA 6ª SÉRIE.

RIBEIRO, N. M.*

NUNES, A. L. R**

RESUMO – Este trabalho é o resultado de uma investigação-ação num processo de intervenção pedagógica na escola que faz parte do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE da Secretaria de Estado de Educação do Paraná e buscou contribuir na reflexão de Leitura de Imagem na Escola Estadual Professor Amálio Pinheiro – Ensino Fundamental, Ponta Grossa – Paraná. As reflexões sobre Leitura de Imagem foram fundamentadas em FRANZ (2003), BUORO (2001), OTT (1997) e HERNANDEZ (2000). As ações metodológicas foram de abordagem qualitativa através da investigação-ação educacional, teve como instrumentos de coleta de dado: a Entrevista Semi-estruturada; Análise Documental; Observação participante; Planejamento Colaborativo; Diário de Campo do professor pesquisador; Diário de Classe dos professores colaboradores. O processo foi lento e crescente, mas qualitativo aos professores colaboradores participantes do grupo. Ficou evidente que eles desconheciam as propostas de leitura de imagem que foram apresentadas, mas, no decorrer dos encontros, foi possível perceber as transformações dos participantes frente à proposta, pois os conceitos pré-estabelecidos foram sendo refletidos de forma que, ao final, o grupo sentia-se mais seguro e autônomo ao ler imagens de obras de arte com os alunos.

Palavras-chave: Leitura de Imagem, Imagem, Ensino de Arte

ABSTRACT – This paper is the result of a research-action in a process of pedagogical intervention in school that is part of the Educational Development - PDE of the State Secretariat of Education of Parana and sought to contribute to the discussion Reading Image in the State School Teacher Amálio Pinheiro - Elementary, Ponta Grossa - Paraná. Reflections on Reading Image were based on Franz (2003), BUORA (2001), OTT (1997) and Hernandez (2000). The shares were methodological approach to qualitative research through educational action, had the instruments to collect data: the Semi-Structured Interview, Document Review, participant observation, Strategic Planning, Journal of Field Research Professor; Daily Class teacher employees . The process was slow and growing, but quality teachers employees of the group. It was evident that they did not know the proposed reading images that have been presented, but during the meetings, it was revealed the changes of the participants before the proposal, with the pre-established concepts have been reflected so in the end, the group felt more confident and autonomous to view images of works of art with students.

Keywords: Reading Image, Image, School of Art

*E-mail:neucimartins@uol.com.br

**E-mail:analuzaruschel@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O domínio da leitura e da escrita são princípios básicos da educação e cabe, às disciplinas do currículo, escolar esse trabalho. No caso da Arte, mais especificamente as Artes Visuais, tem uma contribuição importante a oferecer que é a inserção da Leitura da Imagem no contexto escolar. Para que essa contribuição aconteça, é importante que a arte mereça estudo particular, como um assunto que tem finalidades, conceitos e habilidades específicas. “A arte exige seu próprio tempo e espaço dentro do currículo (Smith, 1986, in BARBOSA p.98)”. Nesse sentido, destinar um espaço à alfabetização nas áreas das Artes Visuais, não requer necessariamente que seja um espaço físico, mas sim um espaço no currículo e que, de fato, seja desenvolvida ao longo do processo escolar.

A importância da inserção da Leitura de Imagem na escola tem sido amplamente discutida por diversos teóricos que apresentam estratégias metodológicas para esse fim.

Nossos alunos já desfrutam de experiência visual antes mesmo de entrar na escola (Lanier, 1984). Desfrutar de experiências visuais é um fato, mas apenas desfrutar de experiência visual não é garantia de estarem compreendendo o que estão lendo ou que já tenham uma habilidade crítico-reflexivo bem desenvolvida.

[...] embora os meios de comunicação apresentem uma falsa idéia de participação e de comunicação e de que é “naturalmente fácil” ler uma imagem, a leitura realizada por um aluno com conhecimento precário dos códigos de construção da imagem é de caráter mais emotivo que cognitivo. Aliás, a sensibilidade estética não é um atributo inato ao sujeito, nem o senso estético é uma qualidade natural ao objeto, conseqüentemente, a formação dos sentidos humanos se configura como uma das principais tarefas da escola, sobretudo, no âmbito do ensino de artes. [...] a grande maioria não consegue compreender e interpretar os significados das imagens para além do que se apresenta de imediato. [...] a leitura de uma imagem, enquanto prática humana, requer um campo de conhecimentos interdisciplinares, tanto históricos e antropológicos quanto estéticos, que consubstanciem a aprendizagem de estratégias de interpretação das imagens (SCHLICHTA, 2006, p.359).

Refletindo sobre estes apontamentos da autora, devemos oportunizar ao aluno o caminho para a alfabetização visual, levando-o ao domínio dos códigos visuais através da sensibilização, da familiarização e do contato freqüente com as obras de arte e cultura visual e levá-lo a perceber que ler é uma atividade que traz conhecimento e que esse conhecimento pode ser de uma forma prazerosa e divertida.

A obra de arte tem seus códigos e um sistema estruturado de signos e os nossos alunos necessitam decodificá-los e o professor tem um papel fundamental nesse processo. O papel do professor, nesse caso, é o de mediador na decodificação dos signos e na construção do conhecimento. Introduzir crianças e adolescentes para a leitura de elementos que compõem o vocabulário visual já era uma idéia defendida por Rudolf Arnheim e atualmente vem se expandindo através da leitura de imagens. Vários estudiosos validam a importância da leitura de imagem no contexto escolar, como por exemplo: William Erwin Eisner que defende uma leitura qualitativa, Jaron Lanier dá ênfase na apreciação da obra de arte, Charles Sanders Peirce faz a integração com outras disciplinas, Edmund Feldman e Robert William Otto propõem um roteiro para a leitura. Contamos também com arte-educadores brasileiros como Ana Mae Barbosa com a

Proposta Triangular, Anamélia Bueno Buoro com as categorias e Terezinha Franz que traz uma reflexão de como educar para compreensão relacionando os níveis denominados pela autora Histórico/Antropológico, Estético/Artístico, Pedagógico, Biográfico e Crítico/Social.

No contexto mundial, a introdução da leitura de imagens na escola já vem sendo discutido desde a década de setenta com a *Discipline Based Art Education* – DBAE que, nessa abordagem de ensino sistematizada a partir de 1982, faziam parte da equipe de pesquisadores Elliot Eisner, Brent Wilson, Ralph Smith e Marjorie Wilson entre outros membros de também reconhecida competência teórica e profissional (Rizzi apud BARBOSA, 2003). No Brasil, só veio a ganhar força no modernidade mais especificamente com a divulgação da Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa. Sua proposta era fundamentada no estudo da *Discipline Based Art Education* – DBAE e adaptada para a realidade brasileira. A divulgação da “Proposta Triangular” se efetivou através de diversos seminários, congressos e palestras em várias regiões do país, mas não foi uma tarefa fácil. A resistência dos professores em relação ao trabalho com a imagem estava (ou ainda está) muito arraigada na concepção de que o uso ou contato com reproduções e obras de arte induziam ou incentivavam a cópia. Essa era uma visão do ensino de arte até o modernismo, quando nessa época o encaminhamento das aulas era voltado à criatividade e originalidade. O ensino modernista reagiu contra essa concepção defendendo que a arte devia ser usufruída por todos desde os “talentosos” através do fazer artístico e aos que não chegam a ela, pela decodificação (BARBOSA, 2000).

Esse estudo busca contribuir com uma reflexão necessária para o ensino da Arte, indagando de que maneira os professores que atuam com Arte na escola, especificamente em Artes Visuais, realizam Leitura de Imagem com seus alunos e em que teoria fundamenta sua prática, se há uma estratégia didática definida ao ler imagens com os alunos, se é possível ampliar o repertório imagético do professor inserindo imagens da cultura visual do cotidiano, na leitura de imagens com os alunos, e ainda, se os documentos oficiais de Arte, do Estado do Paraná, contemplam e de que forma é articulada a leitura de imagem no ensino da Arte.

2 DESENVOLVIMENTO

Leitura de Imagem, em Artes Visuais, na Escola: o olhar e o ver do aluno da 6ª série é proposta de intervenção pedagógica implementado na Escola Estadual Professor Amálio Pinheiro - Ensino Fundamental, Ponta Grossa – PR que fez parte do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE da Secretaria de Estado de Educação do nosso Estado. Esta proposta de intervenção contribuiu com a formação continuada dos professores de Arte da escola, visou propiciar debate e reflexão sobre a leitura de imagem que possibilitasse ao professor e ao aluno a compreensão crítica da arte.

O Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE trata-se de uma parceria entre as Secretarias de Estado da Educação, da Ciência, da Tecnologia e Ensino Superior com o objetivo de proporcionar subsídios teórico-metodológicos aos professores da rede pública estadual a fim de que desenvolvam ações educacionais direcionadas à realidade da escola pública do Paraná. Esse Programa estabelece o diálogo entre os professores da Educação Superior e os da Educação Básica, através de atividades teórico-práticas

orientadas resultando numa produção didática que contribua na prática e intervenção educacional.

Para melhor compreensão, destaca-se que a Escola que houve intervenção, até 2008, contava com cerca de cinquenta e seis horas/aulas, na qual trinta e duas delas ficava a cargo de um único professor de Arte e, o restante da carga horária era distribuído aos professores das mais diferentes áreas de conhecimento. Essa realidade não é específica dessa escola e sim de todas as escolas da nossa região até mesmo de todo nosso estado.

A constatação da realidade na formação dos professores que atuam com a disciplina Arte das escolas jurisdicionadas ao Núcleo Regional de Educação de Ponta Grossa - Paraná e a falta de uma metodologia adequada para a leitura de imagem constituíram o desafio para a elaboração dessa investigação em sala de aula.

A partir do ano de 2000, houve a oportunidade de conhecer, um pouco, da realidade do ensino de artes em onze municípios jurisdicionados ao Núcleo Regional de Ponta Grossa, no qual atuei como coordenadora de artes. Com essa experiência, constatei que a grande maioria dos professores que atuavam com as disciplinas, na época, Arte (Ensino Médio) e Artes¹ (Ensino Fundamental) não têm formação específica na área e também que o trabalho com a leitura de imagem é pouco explorado em sala de aula, ou ainda, quando acontece, é tratada como uma mera ilustração de conteúdo. Quando se fala em leitura, nos vem à mente, livros, revistas, jornais e outros como textos e palavras, pois leitura nada mais é do que decifrar signos gráficos. Cabe lembrar que a palavra “texto” provém do verbo latino *texo, is texui, textum, texere*, que quer dizer “tecer”. Da mesma forma que um tecido não é um amontoado desorganizado de fios, texto não é um amontoado de frases, nem uma grande frase. Assim, texto tem estrutura e segundo Fiorin (s.d.) (apud Buoro, 2000), garante que o sentido seja aprendido em sua globalidade, que o significado de cada uma das partes depende do todo. Como o texto, a imagem também tem sua estrutura, os elementos que a compõe como a linha, a cor, a luz por exemplo e os princípios que a fundamentam como o movimento, o equilíbrio, a unidade, o ritmo, a harmonia e outros, dessa maneira assim como o texto a imagem também podem ser lida.

A criança, antes mesmo de ser alfabetizada já faz Leitura de Imagem, reconhece diversos produtos através da linguagem visual. Isso mostra o quão importante é trabalhar com a leitura, desde a Educação Infantil à Universidade, principalmente porque vivemos num mundo cercado por imagens. Mesmo sendo evidente a sua importância no ensino da arte, somente a partir da década de oitenta, aqui no Brasil, como vimos anteriormente, passou a ser difundida a Leitura de Imagem na escola, quer seja de uma obra de arte ou uma imagem da cultura visual. Várias são as artes que lidam com imagem: a pintura, a escultura, a fotografia, a gravura, o desenho, *design* e o cinema, denominadas Artes Visuais.

Podemos encontrar imagens para o exercício da leitura em museus, livros, revistas, espaços de artes, edifícios públicos, e outros. e essa leitura pode ser de duas formas, na apreciação artística que é o olhar e o ver. Embora pareça a mesma coisa, há uma grande diferença entre elas. Eisner (2008, p. 80) nos diz que: “A crítica de arte desenvolve sua habilidade para ver, ao invés de simplesmente olhar, as qualidades que constituem o mundo visual”.

Para ilustrar esta citação de Eisner vamos recorrer a uma expressão popular que

¹ A partir deste ponto quando no texto aparecer Arte ou Artes faz referência às disciplinas do Ensino Médio e do Ensino Fundamental respectivamente.

diz: “Olha para você vê”. Olhar para ver nos confirma que o ver é um olhar mais atento, portanto nos leva a um olhar crítico que vai além do simples “gostei” ou “não gostei”. Recorrer a esse olhar mais apreciativo leva a realização de análise decodificando os códigos visuais. Para que se desenvolva esse “ver”, aprofundemos nossas reflexões no estudo crítico de Thistlewood:

[...] a esfera do ensino da arte que transforma os trabalhos de arte em percepção precisa e não casual, analisando sua presença estética, seus processos formativos, suas causas espirituais, sociais, econômicas e políticas e seus efeitos culturais. [...] Se as obras de arte são apenas submetidas a uma análise ingênua elas podem ser bem conhecidas como combinações de forma, cor, texturas e massa, mas pouco entendidas em relação aos religiosos, históricos, sociais, políticos, econômicos e outros que as originaram. (in BARBOSA, 2001, p. 145).

De acordo com a citação acima, o ver e o olhar, nesse sentido, são primordiais para uma efetiva Leitura de Imagem na escola. Uma mesma imagem pode ser lida mais de uma vez ou por diferentes pessoas, pois as interpretações diferem de pessoa para pessoa, ela permite várias interpretações e, quando lidas em diferentes épocas, podem propiciar uma nova leitura e isso se deve ao repertório imagético de quem lê, o conhecimento até aquele momento. O estado de espírito também pode influenciar a leitura de uma imagem como sentimento de alegria, tristeza, serenidade, incertezas que podem ser despertados ou podem também despertar uma reflexão sobre si mesmo e o mundo que o cerca.

De acordo com o Estudo Crítico, o ver e o olhar, nesse sentido, são primordiais para uma efetiva leitura de imagem na escola. Afinal, o que vem a ser *imagem*?

“A imagem é efetivamente real, é nela própria uma realidade, mas não tem a realidade daquilo que representa.” (WOLFF, 2005). Para exemplificar essa afirmação do autor, vamos recordar o episódio em que Matisse foi abordado por uma senhora a propósito de sua pintura: Retrato de Risca Verde, 1905 dizendo que nunca tinha visto uma mulher como aquela e Matisse replicou dizendo que *não é uma mulher, e sim uma tela*. (SEED/Caderno de Arte 1, 1998). Com essa afirmação, o artista deixa claro que na arte temos a liberdade de criar formas, cores e situações diferentes do real. Ele reporta também à afirmação de Platão de que uma imagem não era o verdadeiro ser, mas sim a imitação. Neste sentido, a melhor maneira de representar um objeto seria o de não torná-lo tão semelhante com o real. Para Descartes, bastava que parecesse com algumas coisas e não assemelhá-lo completamente (WOLF, 2005).

A imagem é apoderada pela arte, por volta do século XIV, século esse que é considerado o nascimento da arte; a partir desse momento, ela passa a ser chamada de imagem artística, mas essa união não resiste por muito tempo, no início do século XX a arte abandona as imagens. Cada uma toma seu caminho. Com Cézanne e o Cubismo começa a desaparecer a perspectiva, com o surgimento da fotografia e culmina com o Abstracionismo de Mondrian, Kandinsky e Malevitch, os quais afirmavam que a verdadeira arte devia deixar de ser representativa (WOLFF, 2005). Não sendo a representação do real, a abstrata não é considerada imagem. Os movimentos artísticos continuam e, na década de sessenta, ela volta a ser figurativa através da Pop Art. Assim, a imagem e a arte ora se afastam, ora voltam a se encontrar, mas o que importa mesmo é quando as imagens e a arte estão disponíveis para o olhar crítico do leitor.

Considerando que a imagem está sendo tratada como objeto de conhecimento,

deve-se considerar qualquer obra ou reprodução de obras de arte como imagem, independentemente de ser figurativa ou abstrata.

Se compreender uma obra de arte é ir além do que ela mostra ou do que se vê, ou seja, é compreender as relações que ela estabelece, então a concentração é primordial para vivenciar uma experiência estética. Segundo COSTA, (1999) para que se tenha a fruição, é necessário entregar-se, é o encontro de duas subjetividades e de sensibilidades: a do público e a do artista. Para isso, é preciso desligar-se de certa forma de si mesmo e penetrar na obra.

Nesse estudo sobre a leitura de imagem, fundamentamos em FRANZ (2003) nos âmbitos e estratégias para Leitura de Imagem; em BUORO (2001) nos seis momentos para a Leitura de Imagem; em OTT (1997) no sistema de crítica artística - *Image Watching* e, ainda, em HERNANDEZ (2000) na educação pela compreensão dos significados da cultura visual. As ações metodológicas foram através da investigação-ação educacional de forma colaborativa com a participação de grupo de apoio, professores colaboradores e dos alunos de 6ª série da escola já mencionada.

A leitura de obra de arte: alguns fundamentos

Para ler imagem, os estudos apontam algumas vertentes metodológicas; dentre essas, destacamos a de BUORO (2001), FRANZ (2003), OTT (1997) e HERNANDEZ (2000).

Em seu percurso metodológico BUORO (2001) destaca a necessidade em mostrar ao aluno que arte é necessidade humana e a forma imbricada da Arte e Cultura. Apresenta a produção artística de diferentes períodos artísticos propondo seis momentos para um leitura de imagem:

- Descrição;
- Descoberta de percursos visuais sobre a imagem, percebendo toda estruturação da composição e possibilitando o afloramento de questões e significações pertinentes e imanentes ao texto visual;
- Percepção das relações entre a obra focalizada e a produção anterior realizada pelo artista produtor;
- Momento de pesquisar: tenta aproximar-se mais do significado visual, sendo então convidados a sair em busca das respostas que surgirão nesse processo e que permanecem até então suspensas;
- Comparação ou diálogos entre obras da mesma época e produção atual;
- Construção de texto verbal com registro do percurso empreendido, o qual abarque a significação do texto visual lido;
- Abordagem do conceito de produção artística como construção de linguagem e trabalho humano. (BUORO, 2002, p. 127-128)

Também Robert Willian Ott, em sua abordagem *Image Watching* - sistema de crítica artística, tem sido bastante divulgado no Brasil desde 1988 quando, na ocasião, ministrou um curso no Museu de Arte Contemporânea da USP. Ott (1997) sistematizou o *Image Watchin* principalmente a partir dos estudos de John Dewey, Thomas Munro (1901 – 1973) e Edmund Feldman (BARBOSA, 2001).

Tanto o sistema de Munro quanto de Ott, embora seja um ensino de arte desenvolvido para museus, não é rígido, podendo ser adaptados para a sala de aula.

Quanto ao sistema desenvolvido por Munro citado por Ott (1997) diz que:

O sistema de Munro, conhecido como morfologia estética, diz respeito aos estágios básicos do processo individual de aprendizagem a partir de obras de arte. A morfologia estética era analítica por natureza e baseada na percepção sensorial, na associação e no contexto da obra para gerar formulações críticas. (OTT, 1997, p. 119).

Esse sistema, que se refere ao ensino de arte em museus, contribui para que o conhecimento seja construído a partir das obras de arte.

O *Image Watching*, de Ott (1997) vem fornecer conceitos para a crítica voltada à produção artística relacionando o modo crítico e o criativo de aprender em arte-educação. Para ele, quando os alunos têm contato com as obras originais são desafiados à observação, adquirem mais conhecimento que serão úteis na hora da produção e, ainda, os que estão acostumados a observar arte em museus e galerias estão mais propensos à pesquisa artística que exerce um papel essencial em arte-educação.

O *Image Watching* vem fornecer conceitos para a crítica voltada à produção artística relacionando o modo crítico e o criativo de aprender em arte-educação através de cinco categorias: *descrevendo*, *analisando*, *interpretando*, *fundamentando* e *revelando*.

Todo conhecimento gerado a partir do desenvolvimento dessas categorias podem ser expressos durante o trabalho de ateliê, uma vez que proporciona um sistema de crítica de arte tanto conceitual, perceptivo quanto interpretativo.

[...] o sistema de crítica de Edmund Feldman tem sido um impacto adicional sobre o desenvolvimento do *Image Watching*. Diferente da teoria de Feldman, as categorias do *Image Watching* diferem tanto em número quanto na natureza das categorias inerentes ao sistema (OTT, 1997, p. 130).

O conhecido método de Feldman é de comparação entre obras de diferentes períodos e está pautado no apreciar, no conhecer e no fazer. Para ele o processo é centrado em quatro etapas: a descrição, a análise, a interpretação e o julgamento, enquanto que no *Image Watching*, criado por Ott, (1997), o processo é desenvolvido por cinco categorias, a saber:

1. *Descrevendo* – o aluno observa o obra a ser estudada, essa observação deve ser de um olhar cuidadoso, de certa forma deixando a arte falar primeiro. Em seguida, o aluno fará uma lista, de forma verbal, do que percebe da obra de arte que está sendo estudada criticamente, partilhando suas percepções com os demais alunos.
2. *Analisando* – Aqui se investiga como foi executado o que foi percebido, os elementos da composição, as técnicas e formas da obra de arte.
3. *Interpretando* – Considerada a mais criativa das categorias, pois fornece dados para as respostas pessoais e sensoriais dos alunos. Permite a eles expressarem como se sentem. Ott sugere uma preparação antes para que os alunos possam externar suas emoções.
4. *Fundamentando* – Essa categoria está relacionada com o conhecimento artístico que está sendo armazenado pelo aluno. Nessa etapa, pode-se convidar o artista para uma fala ou usar vídeos com as falas dos mesmos, utilizar catálogos de exposições, publicações acadêmicas, textos de reportagem de jornal ou revista.

5. *Revelando* – É o ato de expressão artística, o momento da produção, o fazer artístico. Todas as outras categorias culminam para esta. Aqui uma nova obra é criada pelo aluno (OTT, 1997).

Já, por sua vez, Teresinha Sueli Franz (2003) e suas estratégias para leitura de obra de arte corroboram apresentando uma metodologia diferente das anteriores. Ela não dita passos metodológicos, traz uma reflexão de como educar para compreensão relacionando os níveis desta compreensão.

Desenvolver estudos de obras de arte dentro de uma perspectiva compreensiva, estejam estas em museus ou em outros espaços, é uma forma de introduzir os alunos no tipo de investigação que realizam os especialistas (críticos de arte, historiadores, curadores, etc.), isto é, examinar, observar atentamente, buscar evidências sobre o contexto, etc.; é também envolve-los profundamente com as exposições de arte, ensinando-lhes a fazer as perguntas sobre as obras, levando-os a refletir e a interpretar a arte mais seriamente (FRANZ, 2003, p.158).

Franz (2003) defende o ensino de arte numa perspectiva da educação para a compreensão respaldada na teoria de Fernando Hernandez e também na perspectiva considerada por Wiske (1999), Howard Gardner (1994), Verônica Mansilla (1996), e David Perkins (1994).

Na educação para a compreensão Mansilla mostra que:

Compreender [...] é aprender a problematizar e explicar fenômenos, demonstrando ao, menos em parte, características próprias das que desempenham os especialistas nos mais variados domínios do conhecimento humano (Mansilla apud FRANZ, 2003, p. 184).

Ainda sobre compreensão, Perkins (1994) citado por Franz (2003) põe evidência seis atividades de compreensão que uma pessoa seria capaz de realizar: a explicação, a exemplificação, a aplicação, a justificação, a contextualização e a generalização.

De acordo com a autora, aplicando essas atividades proposta por Perkins, estará indo além de uma simples leitura, estará extrapolando os seus limites e os limites da disciplina em si. Boix-Mansilla citado por Hernandez (2000) diz que, para levar o aluno a um alto nível de compreensão, precisa propor a inclusão de várias imagens a fim de desenvolver hábitos mentais necessários para a compreensão do objeto estudado. Ser educado para a compreensão é saber transferir o que aprende a outras situações e problemas, desenvolve a própria identidade na medida em que questiona a visão egocêntrica ao deparar com experiências de pessoas distantes tanto no tempo quanto no espaço.

Franz, em seus estudos, aponta que existe maneira de abordar a Educação de Artes Visuais que não passa pela pura identificação. Há a necessidade de ensinar os alunos a realizar pesquisas sobre obras de arte de diferente tempo, espaço e cultura para que os mesmos adquiram um nível elevado de interpretação. Quando dá liberdade aos alunos se expressarem livremente sobre as obras de arte estará oportunizando manifestar suas concepções iniciais sobre ela, muito importante na educação para a compreensão. Trabalhar com a comparação de obras de arte é uma estratégia didática imprescindível quando se trata de Leitura de Imagem. A comparação pode ser tanto com outras obras de arte como em torno de uma idéia-chave, escolhida a partir do tema, da técnica ou outras questões relativas à arte e seus objetos.

Franz analisa a leitura de imagem construindo as categorias como âmbitos para leitura de imagem tais como: Histórico/Antropológico, Estético/Artístico, Pedagógico, Biográfico e Crítico/Social relacionadas com níveis de compreensão organizadas a partir de sua pesquisa como: ingênuo, principiante, aprendiz e especialista. Para fundamentar sobre as diferenças de níveis de compreensão ela segue os fundamentos estabelecidos por Perkins (1994) e Simmons (1994) e toma por base o trabalho teórico de Prawat (1993) e Koroscik (1990), que discute o papel do conhecimento base, as conseqüências de suas possíveis limitações, bem como a importância do conhecimento epistêmico do aluno. Sobre cultura visual não há um consenso, há os que afirmam que é um novo nome para a História da Arte, como aqueles que são imperativos sócio-históricos e semióticos na esteira de Bryson (1991). Para Hernandez (2000) está relacionado às mudanças nas noções da arte, cultura, imagem, história, educação, produzidas nos últimos tempos e está vinculada à noção de “mediação” de representações, valores e identidades.

[...] as imagens são mediadoras de valores culturais e contém metáforas nascidas da necessidade social de construir significados. Reconhecer essas metáforas e seu valor em diferentes culturas, assim como estabelecer as possibilidades de produzir outras, é uma das finalidades da educação para a compreensão da cultura visual (HERNANDEZ, 2000, p.133).

A educação para a compreensão remete ao olhar o presente sem esquecer que o passado interfere nesse olhar.

Fernando Hernandez (2000) apresenta a proposta para organizar o ensino da compreensão da cultura visual centrado em *obras de arte, temas e projetos*, proposta esta que instiga o aluno a pesquisar, a refletir e a debater sobre arte registrando todo o processo no portfólio, o qual é constantemente retomado para a avaliação.

Sua proposta centrada em obras vai da descrição à interpretação e parte basicamente de três perguntas referentes a(s) obra(s) escolhida(s) que são: O que foi pintado pelo pintor? De que falam essas obras? O que podemos estudar e aprender a partir de uma pintura?

Centrada em tema, insere os elementos do meio “para incorporar os elementos estéticos presentes, com a finalidade de ensinar a olhar esteticamente, aprender a utilizar procedimentos de representação interpretação do meio e valorizar do meio e valorizar as intervenções ambientais” (HERNANDEZ, 2000, p.196). Para trabalhar os conceitos que ajudarão a interpretar o meio pode-se utilizar a fotografia, filmagem, visita local e outros. Independente dos recursos utilizados o projeto tem como base o estudo das imagens.

Em relação à proposta centrada em projeto, os próprios alunos definem o conteúdo do mesmo. Apresenta atividades que incluem a turma toda, em grupo e também individuais. Os encontros são gravados e transcritos para que sempre possam retomar o que foi discutido para que possam dar os encaminhamentos futuros. A avaliação acontece através de leitura de imagens selecionadas de modo que sustentem o assunto abordado.

As três propostas apresentadas por Hernandez fazem conexões com outras disciplinas do currículo escolar e tem como apresentação final o portfólio individual do aluno e do professor. Neste são organizados todas as informações coletadas e as produções pessoais.

Professores e alunos lendo imagens na escola: alternativas e

possibilidades

Para o Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE, além do Projeto de Pesquisa e da Produção Didática (Caderno Pedagógico), ocorreu a intervenção pedagógica em sala de aula na escola. Essa intervenção aconteceu através do Grupo de Apoio com os professores colaboradores e a aplicação das práticas de leitura de imagem com os alunos.

Os encontros do Grupo de Apoio aconteceram, na escola, semanalmente, de março a maio, totalizando oito encontros. A fundamentação teórica, os textos e as ações metodológicas foram balizadas no Caderno Pedagógico elaborado para a intervenção pedagógica. Todas as atividades foram precedidas por fundamentos teóricos e, a partir do terceiro encontro foram propostos leituras de imagens.

A primeira leitura de imagem feita pelos professores colaboradores, que aqui denominaremos como Professor A, B, C, E, E, F e G, foi partir dos momentos propostos por BUORO (2000), com uma obra:

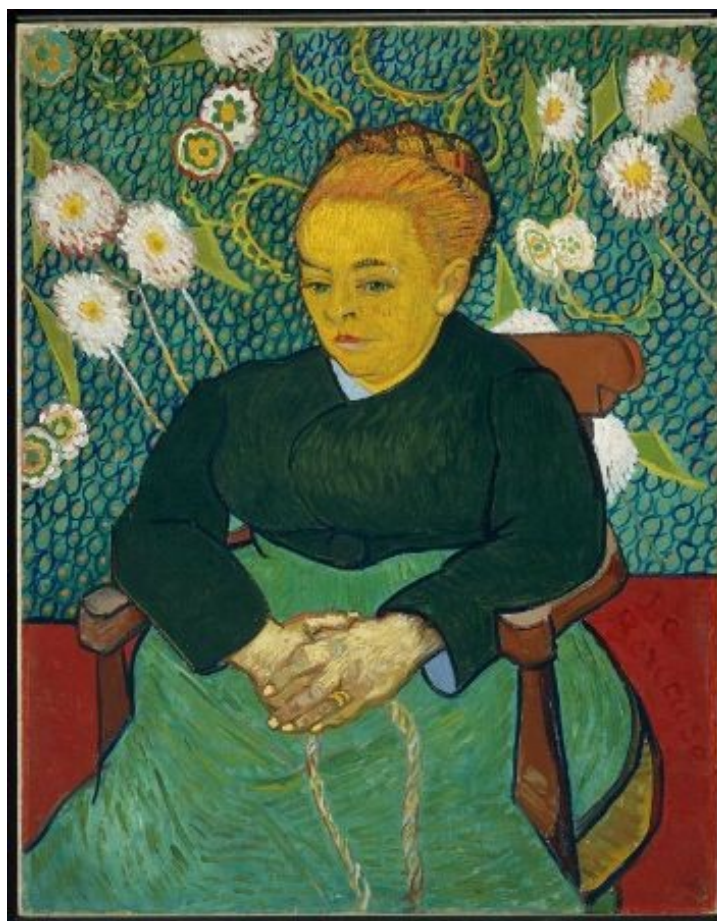


Fig. 1 – Obra La Berceuse: Madame Roulin, 1889
– Vincent Van Gogh

Fonte: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=4199

Como registro da leitura da imagem da obra de arte acima, os professores

apresentaram o texto:

“Esta obra apresenta em termos de descrição, em primeiro plano, uma senhora idosa, sentada em uma cadeira. Suas mãos seguram um cordão no qual a imagem não apresenta sua totalidade. Atrás mostra a parede com muitos detalhes florais representando uma textura visual aparentemente rugosa. Quanto as vestes da senhora, tem uma textura lisa, de tom sobre tom de verde contrastando-se com o piso em vermelho, fazendo assim um jogo de cores complementares. O volume é dado pelas linhas curvas e pouquíssima graduação de cores. A tonalidade da pele e das mãos e do rosto diferem-se na tonalidade de forma gritante. Nesta obra a perspectiva está distorcida, tanto na representação da cadeira, quanto na do piso, os dois planos chegam fundir e confundir-se. Comparando esta obra com outras anteriores, desse mesmo artista, percebe-se uma grande diferença na colocação das pinceladas. Relacionando-a com a obra “Os Comedores de Batata” de 1885, há uma mudança total, seja na cor, linha, composição, textura, luz e sombra. As cores utilizadas na referida obra são cores escuras quase monocromáticas, enquanto que em outra obra “O Quarto” de 1889, sobressai o amarelo e na obra La Berceuse se destaca os contrastes com as cores complementares, tendo com o acabamento em contornos bem definidos em preto. Percebe-se nas obras de Van Gogh certa melancolia nos personagens representados, talvez possa ser relacionado com a própria vivência, já na obra que está sendo analisada mostra a estilização do espaço, chegando próximo ao movimento Fauvismo, como as obras da atualidade com muita estilização”. (Depoimento das professoras A, B, C, E, E, F e G)

Dando continuidade nas propostas metodológicas, foi lida pelos professores a obra de um dos alunos da Escola.

Para conhecer a leitura que foi produzida a partir das categorias de OTT (1997), apresenta-se a imagem e o texto a seguir.



Fig 2 – Paisagem, 2008 - Charles Ribas.
Ateliê da Escola Estadual Professor Amalio Pinheiro – Ponta Grossa/PR
Fonte: Portfólio da pesquisadora.

“Ao primeiro olhar mostra-se uma casa, contudo, porém é um portal, não existe a parede lateral, somente a frente com telhado, na qual tem uma porta com um retrato de um rosto oriental. Há um portão que dá acesso a um riacho que fica entre as montanhas e um gramado. Em frente a esse portão, há um caminho, à direita, e à esquerda um canteiro que em sua frente há uma árvore com flores rosa, com miolo vermelho. No tronco da árvore foi abandonado um rastelo e uma enxada, existem quatro montes de folhas secas. Próximo ao riacho, existem árvores com poucas folhas. Essa imagem lembra o movimento Fauvista devido os contornos escuros e as cores puras e fortes e, ainda, as formas simples de retratar. Em relação a essa imagem podemos estudar e aprender sobre paisagens naturais, pontos, linhas, plano, ângulos, figuras geométricas, retas, semi-retas, segmento de retas e ainda sobre área. Podemos também refletir sobre o desmatamento, as formas de relevo, como nascem os rios, os tipos de solos, as estações do ano e também o tipo de vegetações. Nessa paisagem tem uma árvore que lembra um pessegueiro ou uma cerejeira muito comum no Japão, aliás essa imagem lembra os desenhos orientais, não só pela cerejeira, mas também pela luminosidade do sol muito característico daquela região”.(Depoimento das professoras A, B, C, E, E, F e G)

No oitavo encontro, após conhecer e vivenciar todas as propostas metodológicas, os professores reuniram-se para refletir sobre qual leitura de imagem julgavam o ideal para trabalhar nas aulas de Arte com os alunos.

Após a reflexão, apontaram a proposta da Franz, por considerar que essa vai além do estético/artístico puramente acadêmico e que preocupação não limita ao conteúdo

propriamente dito e também, por não impor limites e sim, realizar aprofundamento sobre vários elos como: cidadania, democracia, tolerância, coisas do dia a dia, compreensão e conscientização do mundo, de si próprio e da realidade em que está inserido. Relataram também que almejam mudanças e melhores condições de aprendizagem para uma atuação mais eficaz na sociedade; por essa razão, acreditam que a proposta de Franz é a que almejam para prática pedagógica de leitura de imagem na escola.

O interesse para Leitura de Imagem, geralmente expande a todas as disciplinas do currículo e também vai além do espaço escolar, pois auxilia não só o aluno, como também todos os apreciadores de artes, ou seja, saber ler uma obra de arte, é conhecimento, é cultura. Podemos constatar esse interesse na formação desse Grupo de Apoio, que a princípio era apenas para os professores que atuavam com a disciplina Arte, houve interesse dos professores das mais diferentes áreas de conhecimento, sendo assim foi permitida a participação de professores de todas as áreas. Essa ação foi muito produtiva para uma ação pedagógica multidisciplinar, pois esses professores passaram a trabalhar a leitura de imagem no decorrer das suas aulas. Isto foi significativo, porque iniciava neste processo a intervenção pedagógica a partir da investigação-ação de forma colaborativa.

Encerrado o Grupo de Apoio, deu-se início a leitura de imagem na formação humana direcionada especificamente aos alunos.



Fig.3 Abril vermelho, 2002 – João Carneiro

Série “Sem Terras”
Fonte: Portfólio do artista.

Para iniciar a leitura da obra do artista, a professora pediu para que os alunos descrevessem o que estavam vendo na obra e eles começaram relatando que viam uma porção de enxada e sete pessoas. Tudo que viam descreviam com bastante detalhes, como por exemplo, sobre as pessoas diziam sexo, acessórios que usavam, proporção. Enquanto ainda estavam descrevendo o que viam, um dos alunos falou da cor vermelha; nesse momento a professora interrompeu-o dizendo que ainda não tinham chegado a hora de falar da cor. Quando a Professora definiu que já poderia falar sobre a cor, alguém disse: “*nunca vi, na vida, céu dessa cor*”. Também falaram do azul e que essa cor e o vermelho eram cores primárias. Após a descrição, a professora direcionou a leitura apenas por perguntas e respostas, ou seja, a professora bombardeando-os com perguntas e os alunos apenas respondendo. Perguntou sobre as harmonias cromáticas; o significado da cor em relação à temática; simetria e assimetria; textura; o movimento artístico; ritmo; planos; enfim, tentou explorar ao máximo os conteúdos que ela já havia trabalhado com a turma. Quando ela entrou na questão social, em relação aos “Sem terras”, a aula foi interrompida, havia encerrado o horário da sua aula.

Na semana seguinte, a Professora deu continuidade à aula sobre o artista João Carneiro, mas não deu continuidade a leitura de imagem iniciada na aula anterior, o que considero um equívoco, pois a leitura segundo os passos de FRANZ (2004) não tinham esgotado. Assim, a professora considerou encerrada a leitura da obra do artista da aula anterior e oportunizou nessa outra aula aos alunos conhecerem outras obras do pintor. Ela propôs que fizessem uma produção artística a partir de uma foto que aparece o artista pintando ao ar livre, pediu para reproduzirem o que viam.

Encerrando a atividade com a turma, a professora comentou que não se aprofundou muito, porque pensava que no momento da análise fosse apenas voltada para a exploração dos elementos formais. Sobre a turma disse:

“Os alunos identificaram que era “os sem terras”. A descrição foi fácil, só que os alunos queriam se aparecer, a gente percebia pelo fato de falarem ao mesmo tempo, teve muita repetição. Eles ainda não estão preparados para fazerem Leitura de imagem, tem que fazer constantemente”.
(Depoimento da professora A)

Comparando as leituras a partir da proposta de BUORO (2000), realizada com os professores e outra com os alunos percebe-se que o fato da professora ter direcionado a leitura mais para a exploração dos conteúdos, os alunos, não tiveram muita liberdade ao ler a obra, diferente do que ocorreu com o grupo dos professores.

Na aula observada da “Professora B”, a leitura de imagem foi adaptada da proposta de FRANZ (2003) e a obra da Flávia Tarades. Flávia é ex aluna da Escola e vem se destacando com suas obras, conquistou o 1º lugar no I Salão Jovem de Pintura em tela de Ponta Grossa- 2009, com a obra “Enfeitando a Catedral”, 2009.

A obra lida pelos alunos da 6ª série foi:

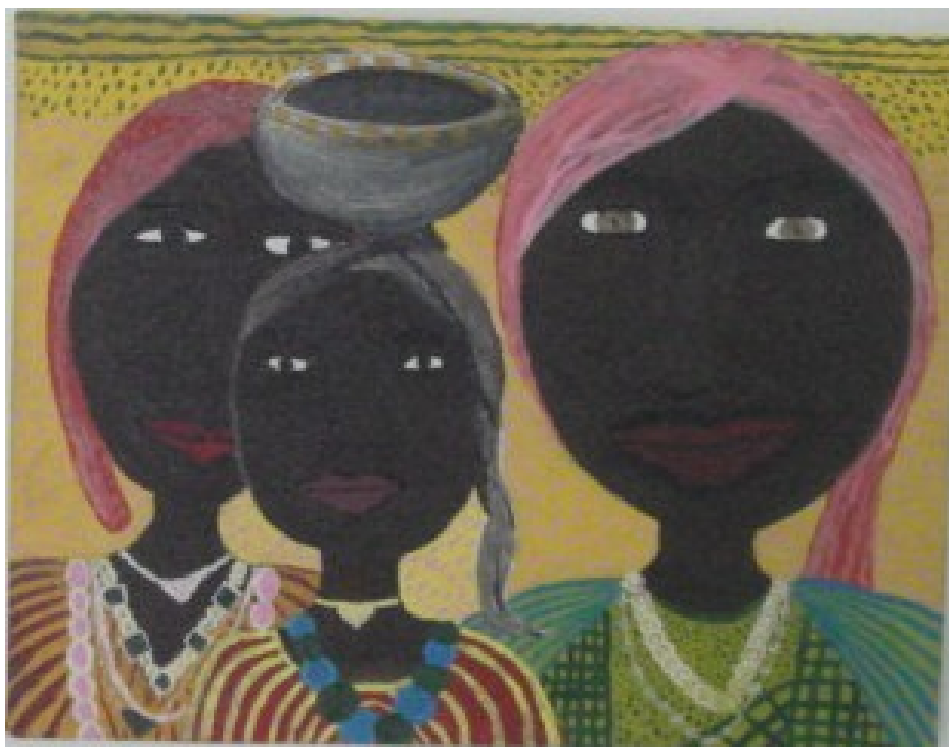


Fig 4 – *As Mulatas*, 2008.– Flávia Tarades.

Ateliê da Escoa Estadual Professor Amalio Pinheiro – Ponta Grossa/PR

Fonte: Portfólio da pesquisadora.

A professora iniciou a leitura perguntando:

O que a obra “As Mulatas” de Flávia Tarades nos diz sobre a vida das pessoas? Os alunos disseram que falava sobre pessoas negras; sobre escravos; sobre não ter preconceitos em relação aos negros e ainda sobre o sofrimento das pessoas negras. Sobre o tipo de cultura, o jeito de se vestir e o tipo de trabalho dos negros destacaram: os colares diferentes; que o trabalho delas era de lavar roupa ou fazer comida; que pareciam pessoas humildes e carinhosas com os filhos delas; Deus deu amor a elas, porque parece que estão alegres; que pela expressão delas achavam que estão tristes, mas pela cor pareciam alegres. Disseram também o que a pintura dizia sobre a vida dos afros descendentes no Brasil e no mundo que, é difícil e diferente; eles sofrem mais; que são escravizados e maltratados pelos brancos e que ainda há muita discriminação. Ao serem questionados sobre o que sabiam da cultura artística ou estética que gerou a pintura “As Mulatas”, responderam que no Brasil não é sofrido, mas na África tem mais doença; que a pintura estava representando a mãe, a irmã e a filha; que não deu pra fazer o balde na cabeça de cada mulata porque elas estavam grandes na tela. Sobre o que a pintura representava para os brasileiros, os alunos falaram que temos que dar mais valor aos negros; que fazia lembrar a escravidão; que poderíamos aprender sobre a cultura, as roupas e o comportamento deles e que deve dar valor aos negros porque todo mundo trabalha igual. Perguntado de como poderia relacionar esta pintura com a história dos afros descendentes disseram apenas que os negros eram trabalhadores. Houve discordância entre os alunos. Uns achavam que os negros eram folgados; outros que os brancos são os folgados e um terceiro encerrou dizendo que os negros vivem em harmonia e paz. Em relação aos detalhes das roupas apontaram: os pontinhos do fundo

da tela era um monte de pessoas que vem atrás; que era só para enfeitar; que era como um papel de parede e que era moradia delas e que as roupas são alegres, mas elas não. Quando a professora perguntou da relação que faziam frente a obra “As Mulatas” com a própria biografia deles só disseram que as crianças delas não vão pra escola e que só aprende o que os pais ensinam. Quando foram indagados de como esta pintura ajuda a interpretar criticamente o mundo social em que vivemos, não responderam, apenas comentaram que a comida deles é diferente da comida do Brasil e que eles têm os lábios grossos. Quanto ao benefício da visão de mundo que esta obra representa e a quem prejudica, os alunos disseram que ninguém pode ser prejudicado pela representação.

A professora registrou, em seu diário, algumas considerações como:

“Considero o trabalho bom, já que a experiência que eu possuía como condutora dessa leitura era pouca. Senti-me um pouco ressabiada para explorar mais as respostas dos alunos com medo de partir para assuntos que eu não dominasse. Acho gratificante a experiência pelo conhecimento adquirido e por poder ter pessoas avaliando meu desempenho com conhecimento maior do que o meu para que pudesse mudar aquilo que de repente não seria correto”. (Depoimento da professora B)

Outra aula observada foi da obra “Natureza morta com banana e mexerica”, 2007 do artista local Zunir Andrade. A leitura foi conduzida de acordo com a proposta de HERNANDEZ (2000).



Fig.4 Natureza morta com banana e mexerica, 2007 – Zunir Andrade
Fonte: Portfólio do artista

HERNANDEZ (2000) parte de apenas três perguntas para a leitura de obra de arte e a

professora partiu das mesmas perguntas para ler a obra com seus alunos e comentou que:

“... através dessa sequência sugerida por Hernandez, os alunos tiveram mais liberdade para suas diversas colocações. Apresentei a obra para leitura em duas 6ª séries distintas, dando sequências diferentes em cada uma delas, de acordo com as respostas obtidas pelos alunos. Percebi maior interesse na primeira turma, devido a quantidade de constatações e descrições do que na segunda, penso ter conseguido instigá-los a falar sobre diversos aspectos concernentes a obra, apesar de certo tumulto que ocorreu devido ao fato de todos quererem falar ao mesmo tempo, percebi o interesse dos mesmos principalmente após saberem que teriam uma conversa com o próprio artista” (Depoimento da professora B).

Comentou ainda:

“... é a primeira vez que faço leitura de imagem com os alunos, nunca tinha tentado por não conhecer, não sabia como conduzir. Os alunos falam ao mesmo tempo, ficam agitados. Estava insegura quanto às perguntas que eles poderiam fazer. A segunda turma foi mais comportada e falavam menos, os comentários eram mais repetitivos, já a primeira estavam mais empolgadas em conhecer. Quanto à proposta de Hernandez acho que não sei explorar. Com a imagem do João Carneiro, com as categorias da Buoro abrangeu mais a aula toda”. (Depoimento da professora B)

Na semana seguinte, as duas 6ª séries, da Professora B que leram a obra do artista Zunir, receberam a visita do artista em suas salas. Percebeu-se que foi uma experiência ímpar para eles, puderam tirar dúvidas sobre o pintor, sobre as obras e sobre a arte de um modo geral. O que mais chamou a atenção dos alunos foi a riqueza de detalhes com que o artista retrata os objetos, diziam que parecia real; também o tempo que ele se dedicava a pintura e mais ainda o fato dele começar a pintar somente após ter se aposentado. A expectativa em receber o pintor na escola era tamanha que alguns alunos trouxeram, prontas de casa, as perguntas que queriam fazer ao artista. O resultado dessa visita pôde ser percebido na semana seguinte, quando quatro alunos dessas turmas começaram a participar do projeto de Artes Visuais da Escola.

Análise documental da produção didática de Arte disponibilizada pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná.

O Estado disponibiliza e incentiva a produção de materiais didáticos para as diferentes áreas de conhecimento, com a finalidade de serem adotadas nas escolas ou servir de referência para o professor na sua prática pedagógica.

Entretanto, para a análise documental, a escolha dos documentos não foi de forma aleatória ou arbitrária, e sim de acordo com a realidade do ensino público do Paraná, especificamente da Arte no Ensino Fundamental. Assim, os documentos analisados foram: Caderno de Artes 1 e 2 – Correção de Fluxo, Folhas, Objeto de Aprendizagem Colaborativa – OAC e Diretriz Curricular Estadual.

O objetivo foi de verificar se esses documentos contemplam a leitura de imagem ou se direcionam para alguma estratégia metodológica da prática de leitura na sala de aula.

Em 1998 a Secretaria de Estado de Educação do Paraná – SEED/PR desenvolveu nas escolas do Ensino Fundamental o “Projeto Correção de Fluxo”. Esse projeto adequava o aluno à idade-série e para sua implantação foi elaborado um material para cada disciplina. O material de Artes era composto de dois Cadernos (1 e 2) para o professor e fichas para os alunos. Um dos Cadernos privilegia imagens da história da arte universal e o outro a arte brasileira e paranaense. No Caderno 1 de Artes Plásticas - ficha 6V, consta uma atividade intitulada “Jogo do Cubo”. Essa atividade consiste num cubo onde cada face apresenta uma proposição para a leitura de imagem: *Descreva, Compare, Associe, Analise, Use e Argumente a favor ou contra*², porém não aponta o autor que fundamenta a proposta.

O “Folhas”³ é composto de um material didático criado pelos professores da Rede Estadual do Paraná, direcionado aos alunos da Educação Básica. Analisando as imagens nos Folhas da área de Artes Visuais percebe-se que há bastante exploração da imagem, no que se refere, à descrição, análise, comparação, interpretação, e à pesquisa, porém não dá para identificar nenhuma metodologia específica ou os autores que as fundamentem essa prática. Fazendo um paralelo entre as propostas metodológicas apresentadas na investigação pedagógica, podemos dizer que há uma proximidade com os momentos apresentado por Anamélia Bueno Buoro, porém não encontramos referências na bibliografia apresentada o Folhas.

Objeto de Aprendizagem Colaborativa – OAC⁴ é resultado de produções elaboradas por professores da rede e contém uma série de recursos que contribuem com o plano de trabalho docente, estruturados de acordo com conteúdos básicos de disciplina. Nas produções de Arte, utilizam imagens, mas não propõem leitura de imagem.

A Diretriz Curricular Estadual - DCE é um documento que apresenta a concepção de currículo e estratégias que norteia o trabalho dos professores da rede pública, do estado do Paraná. A DCE de Arte na área de Artes Visuais sugere que a prática pedagógica parta da análise e produção de trabalhos artísticos relacionados a conteúdos e aponta ainda a importância de uma leitura crítica da obra de arte. Sobre os encaminhamentos metodológicos reforça que para a leitura da obra de arte deve contemplar os momentos de teorizar; sentir e perceber; e do trabalho artístico, sem sugerir uma metodologia ou uma referência bibliográfica para a prática da leitura de imagem na Educação Básica.

3 CONCLUSÃO

Ao concluir esse estudo de leitura de imagem, percebe-se que o processo foi lento e crescente, mas qualitativo aos professores colaboradores participantes do grupo, pois ficou evidente que eles desconheciam as propostas de leitura de imagem que lhes foram apresentadas. No decorrer dos encontros, foi possível perceber as transformações dos participantes frente à proposta, pois os conceitos pré-estabelecidos foram sendo refletidos de forma que, ao final, o grupo sentia-se mais seguro e autônomo ao ler imagens de

² Para aprofundamento e conhecimento, ver Caderno de Arte 1 – Artes Plásticas, Teatro, Música – ficha 6 V. Coordenação SCHLICHTA & OSINSKI – Governo do Estado do Paraná, 1998.

³ Os Folhas estão disponibilizados no Portal Educacional do Estado do Paraná: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/educadores/index.php?PHPSESSID=2009120620182795>

⁴ Os OACs estão disponibilizados no Portal Educacional do Estado do Paraná: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/educadores/index.php?PHPSESSID=2009120620182795>

obras de arte com os alunos.

Percebe-se que os professores assumiram a proposta, mas espera-se que na prática em sala de aula tomem o cuidado em não utilizar a imagem apenas para constatar os conteúdos trabalhados, o que pode-se perceber em uma determinada aula. Reduzir a leitura numa mera avaliação da prática do professor não é o objetivo da proposta; o que se espera é oportunizar aos alunos a possibilidade de externarem seus pensamentos, suas interpretações, levá-los àquele olhar mais atento, tão importante para a apreciação artística. O professor, em todo esse processo, deve fazer o papel de mediador, ou seja, é ele quem deve fazer a ponte entre o aluno e a imagem a ser lida. Mediação é preparar o aluno para a fruição.

Se a imagem traz uma importante contribuição no processo de desenvolvimento de uma leitura crítica do mundo e está sempre presente na formação do ser humano as produções didáticas devem contemplar estratégias para ler imagem. Nos documentos analisados embora façam uso de inúmeras imagens não apresentam estratégias para essa prática no cotidiano escolar.

4- REFERÊNCIAS

BARBOSA, A. M. (Org.). **Arte-Educação: leitura no subsolo**. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **A imagem no ensino da arte**. São Paulo: Perspectiva, 1984.

BUORO, A. B. **Olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola**. São Paulo: Cortez, 1996.

_____. **Olhos que pintam: a leitura da imagem e o ensino da arte**. São Paulo: Edc/Fapesp/Cortez, 2002.

CAMPOS, N. P. **A construção do olhar estético- crítico do educador**. Florianópolis: UFSC, 2002.

EISNER, E. **Estrutura e mágica no ensino da arte**. in BARBOSA, A. M. (org). **Arte-Educação: Leitura no Subsolo**. São Paulo, Cortez, 2001.

FRANZ, T. S. **Educação para uma compreensão crítica da Arte**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2003.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação do. **Diretrizes Curriculares de Arte para a Educação Básica**. Departamento de Educação Básica. Curitiba, 2008.

HERNANDEZ, Fernando. **Catadores Da Cultura Visual proposta para uma nova narrativa educacional**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

_____. **Cultura Visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 200

LANIER, Vincent. **Devolvendo Arte à Arte-Educação**. in BARBOSA, A. M. (org). **Arte-Educação: Leitura no Subsolo**. São Paulo, Cortez, 2001.

MARTINS, M. C. et al. **Didática do Ensino da Arte – A Língua do Mundo**. São Paulo: FTD, 1998.

Livro Didático Público/Arte. **Arte**/vários autores. Curitiba: SEED-PR, 2006.

OSTROWER, F. **Universos da Arte**. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

OTT, R. W. **Ensinando crítica nos museus**. in BARBOSA, A. M. (Org.). **Arte-Educação: leitura no subsolo**. São Paulo: Cortez, 1997.

PARANÁ, Secretaria de Estado de Educação. **Caderno de Arte 1, 2 – Artes Plásticas, Teatro, Música**. Coordenação, Consuelo Alcione Schlichta & Dulce Osinski. Curitiba, 1998.

PILLAR, A. D. (Org.) **A Educação do Olhar no Ensino das Artes**. Porto Alegre: Mediação, 1999.

SMITH, R. **Excelência no ensino da Arte.** in BARBOSA, A. M. (org). Arte-Educação: Leitura no Subsolo. São Paulo, Cortez, 2001.

THISTLEWOOD. D. **Estudos críticos: O museu de arte contemporânea e a relevância social.** in BARBOSA, A. M. (Org.). Arte-Educação: leitura no subsolo. São Paulo: Cortez, 2001.

WOLFF, Francis: **Por trás do espetáculo: o poder das imagens.** In Novaes, Adauto (Org.): Muito Além do Espetáculo. Editora SENAC. São Paulo, 2005. (ps. 17 a 45).

Site:

[www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/educadores/index.php?
PHPSESSID=2009120620182795](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/educadores/index.php?PHPSESSID=2009120620182795)

www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/apc/frm_buscaAPC_ensino.php

www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/arquivos/File/diretrizes_2009/arte.pdf

[www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/folhas/frm_buscaFolhas.php?
PHPSESSID=2009120622133998](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/folhas/frm_buscaFolhas.php?PHPSESSID=2009120622133998)